

MARÃ

Letícia Maria de Lemos

O hálito gelado da manhã inundava a cabana mais uma vez. O sol levantava-se timidamente, incapaz de aquecer aquele pedaço esquecido da floresta. Há um tempo decidi me afastar da agitação da cidade para habitar ali. E não, não sou nenhum ermitão descontente com as convenções sociais, nem muito menos poeta em busca de inspiração e tranquilidade, meu motivo é outro, um motivo sombrio e, até então, estranho para mim.

Não sei a origem desse mal. Demorei a percebê-lo, afinal, nunca fui dos mais simpáticos e as pessoas, tais quais ímãs com polos semelhantes, eram repelidas para longe. Mas tornou-se impossível negar o sussurro pestilento que emanava de mim, cuja voz, como os cipós que agora vejo todos os dias, enroscava e sufocava tudo de bom. Começou aos poucos. As pessoas com quem me encontrava começavam a ficar tontas, com pequenas dores de cabeça e febre. Depois, a situação se agravou, elas passaram a sentir fortes enjoos, falta de ar e dores no peito quando estavam na minha presença. Fiquei assustado.

A situação só piorava e com uma velocidade alarmante, então decidi voltar atenção a mim. Busquei reconstruir tudo que acontecera ao longo da semana, os lugares que frequentei, as pessoas que conheci, os alimentos que consumi. E nada, não achei absolutamente nada fora do normal, exceto o fato de que sentia frio, cada vez mais frio. Não conseguia me aquecer, parecia que aquilo vinha de dentro, do coração... sei lá. Somado a isso, notei que já não sentia fome, sentia apenas um vazio enorme, um buraco negro que a tudo engolia, jamais saciado por completo.

O tempo passava e eu evitava a todo custo sair do meu apartamento. Quem dera eu pudesse viver assim. Não fosse a curiosidade alheia, talvez eu tivesse conseguido. Bastou um segundo, um segundo para eu saber que não já não podia permanecer ali. Acontece que a xereta do apartamento em frente, percebendo meu isolamento, resolveu bater na minha porta com uma desculpa qualquer. Irritado com as batidas insistentes, corri para atendê-la e pedir para que fosse embora. Ela deu um grito apontando para meu rosto: “A... a... azul!” e desmaiou em seguida. O cachorro, que ela trazia preso a uma coleira, vendo-se livre, avançou latindo em minha direção pulando em meu peito. Senti sua respiração parar e seu corpo peludo congelar sobre mim.

Minha pele estava realmente azul. Não o vibrante da Noite Estrelada, mas um azul arroxeadado, cadavérico. Não me restou opção, senão a de partir a algum lugar remoto, onde não pudesse machucar ninguém. É claro que você deve estar se perguntando como eu não percebi esse sintoma peculiar, a verdade é que estava vivendo tão abarrotado de casacos, luvas e calças de moletom, encolhido em um canto, que não me dei conta dessa mudança.

Foi assim que fui parar na pequena cabana de onde escrevo agora. Há meses que estou aqui cercado por essa flora exuberante que não posso sequer tocar. Há meses que não vejo viva alma ou que coloco qualquer alimento em minha boca. É solitário, eu sei, mas tenho lido bastante e estou até aprendendo, com ares de Policarpo Quaresma, um pouco da língua Tupi-Guarani, afinal de contas, agora sou como um indígena sem tribo. Achei apropriado.

Foi então que, em uma das minhas caminhadas pela mata, avistei, pela primeira vez, aquela mulher de pele caramelada, com os cabelos compridos e tão negros quanto a asa da graúna andando por entre as árvores e acariciando cada criatura que podia alcançar. Uma faísca acendeu em meu coração. Passei a segui-la constantemente. Sempre camuflado pelas sombras da vegetação, sabendo que jamais poderia me aproximar.

Certo dia, ouvi gritos desesperados de dor e, guiando-me pelo som, corri até o local. Era ela sentada ao chão, urrando de dor. Fiquei ouvindo seus gritos, mas não tinha nada que eu pudesse fazer. Aliás, tinha uma coisa. Saí de trás da árvore onde me escondia e caminhei em direção a ela. Havia um ferimento avermelhado em sua perna e uma marca no solo. Pelo tamanho do ferimento, acredito que tenha sido uma picada de cobra. Surucucu talvez, pois é muito comum em áreas tão densas de floresta e tem porte grande suficiente pra deixar aquele rastro. Ela me olhou com estranheza, mas pediu para que eu a ajudasse. Com lágrimas no rosto, falei que sim, que a ajudaria, que tudo ficaria bem. Ajoelhei-me ao seu lado, segurei sua mão e dei-lhe um beijo na testa. Nunca senti tanto frio.